

Psicopatia: uma queda em voo livre

Anna Cristina Pires de Mello¹

Resumo: Jurandir² aos cinco anos, foi encontrado nas ruas do Distrito Federal. Houve dificuldade adaptativa à família e ele foi encaminhado para uma instituição. Uma segunda família fez tentativa de adoção legal, mas Jurandir não se adaptou. Seu histórico sócio cronológico apresenta baixa escolaridade, furtos, envolvimento com drogas, internação em comunidade terapêutica. O objetivo deste estudo foi o de verificar a origem de sua dificuldade adaptativa durante a infância e adolescência, tendo como metodologia pesquisa documental e qualitativa, realizada com observação, entrevista semi-estruturada com funcionários, diretores, professores e assistente social. O estudo do caso foi utilizado como método deste trabalho e obteve como resultado que para ele, a auto suficiência pode ser exercida sempre, em qualquer lugar e de forma independente ao outro, pois ele não reconhece ou aceita regras nem figuras de autoridade. Concluiu-se que o exercício da auto suficiência não é determinante, ao comportamento anti social.

Palavras chave: Adaptação; Cultura; Psicopatia.

Abstract: Jurandir age five, was found on the streets of the Federal District. There adaptive difficulty the family and he was sent to an institution. A second family did attempt to legal adoption, but Jurandir not adapted. Your partner chronological history shows low education, shoplifting, drug involvement, admission to the therapeutic community. The aim of this study was to verify the origin of its adaptive difficulty during childhood and adolescence, with the documentary research methodology and qualitative, with observation, semi-structured interviews with officials, principals, teachers and social workers. The case study was used as a method of this work and obtained the result that for him, self sufficiency can be exercised whenever, anywhere and independently to each other, because it does not recognize or accept rules or authority figures. It was concluded that the exercise of self-sufficiency is not decisive, anti social behavior.

Keywords: Adaptation; Culture; Psychopathy.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais – Universidade Fernando Pessoa – Porto – PT.

² Nome fictício.

Introdução

Os tópicos escolhidos para este estudo de caso referem-se à condição sócio-afetiva de Jurandir¹ diante de si mesmo, da sexualidade, lutos, organização egóica, cisões entre o discriminado e não discriminado e padrões repetitivos de conduta; esses dados foram coletados na documentação disponível no arquivo da comunidade, relatos dos diretores, assistente social, professores e observação de seu comportamento durante os três anos de intervenção psicoterápica e pesquisa de campo.

Os dados coletados, passíveis de organização, trazem que durante o ano de 1988, uma senhora casada e mãe de dois filhos, encontrou Jurandir perambulando sozinho pelas ruas do Distrito Federal. Levou-o para sua casa e providenciou judicialmente o termo de guarda e de responsabilidade sobre o menor. Depois de quase um ano convivendo com a família substituta, Jurandir permaneceu inadaptado ao grupo e foi então levado para uma instituição, na qual foi submetido à avaliação psicopedagógica e psicológica. Os laudos e relatórios, concluíram que ele possuía um desenvolvimento compatível com o de uma criança de dois anos e meio; trocava letras, e verbalizava de maneira inteligível; embora fosse mais velho, aparentando, provavelmente, cinco anos.

Morando na Instituição, frequentava a escola local. Em 1990, foi matriculado na rede pública de ensino. Segundo os relatos escritos e verbais dos cuidadores e professores, continuou demonstrando rejeição ao ambiente, tanto no lar social, quanto em todos os outros aspectos de relações disponíveis. Os profissionais expressaram que ele apresentava dificuldades de convívio, jamais aceitando regras, além de comportamento dispersivo e pouco interesse nas tarefas escolares.

O ser humano, oriundo de um meio sócio cultural empobrecido em suas relações interativas pode reduzir-se em sua capacitação para socializar-se para o aprendizado formal e para alfabetização porque seus recursos para o entendimento reflexivo, elaboração de juízos críticos e estruturação do pensamento lógico, podem ser impossibilitados parcialmente durante os processos elaborativos adequados ao aprendizado dos conteúdos e da formação do conhecimento.

Crianças e adolescentes em cuja formação poucos recursos emocionais foram capacitantes, pois lhes foi negada a presença de figuras parentais em uma relação interpessoal salutar, tampouco podem adquirir confiança em si mesmos, o que constitui um pré-requisito indispensável para que haja aquisição de conhecimento, autonomia e socialização, conforme encontra-se no histórico de Jurandir.

A biografia sócio cronológica do sujeito apresentou em 1996, índice repetitivo de reprovação escolar, baixo rendimento, comportamentos inadequados tanto escolares (não cumprimento de tarefas), sociais (hostilidade, furtos, uso abusivo de álcool e merla). Em 1997 foi solicitada adoção, por uma família do D.E. no período de visita adaptativa retornou em três dias pois não aceitou cumprir as tarefas de manutenção da casa, da mesma forma que os outros “familiares” o faziam nem aceitou frequentar a escola. O pretense grupo familiar que o adotaria desistiu frente ao “não dar conta”, fato que o remeteu para um segundo vácuo do abandono.

Apresentava também dentro da Instituição dificuldades de convivência social, não cumprindo os acordos assumidos com os membros da comunidade sendo, desta forma, indicado o acompanhamento psicoterápico em 1998, com a finalidade de melhorar a estima, adaptar-se às normas necessárias a uma convivência adequada e socialmente aceita, uma vez que mexia nos objetos dos companheiros e continuava a praticar pequenos furtos, conforme os relatos dos profissionais, cuidadores e demais jovens que com ele conviviam. Jamais foi procurado por nenhum membro de sua família biológica, nem por nenhuma pessoa conhecida, o que poderia ser um indicativo de rede social. Durante o ano de 1999, continuou sob atendimento psicoterápico, porém sem resultados visíveis, segundo consta em sua documentação. Os dirigentes da Instituição recebiam queixas frequentes sobre sua conduta, feitas através da Escola. Teve registro de ocorrência na Delegacia da Criança e do Adolescente, (DCA), pois foi encontrado comprando drogas.

O uso constante de álcool e drogas, ampliou seu comportamento antissocial, apresentando índices progressivos de agressividade e inadequações. A disciplina não cumprida sistematicamente foi a recorrência da fala do universo adulto sobre ele. Jurandir foi então encaminhado para uma comunidade terapêutica na qual não conclui o tratamento em virtude de indisciplina e de brigas com o diretor, retornando para Instituição de origem, esta, com dupla carga de responsabilidade pois que ele encontrava-se submetido a medidas sócio educativas uma vez que foi flagrado por policiais lotados na DCA, portando objetos oriundos de furto.

Em 2001, foi matriculado no supletivo com a finalidade de terminar as matérias do 1º grau. Permanecia desestruturado quanto aos contatos sociais e afetivos. Morou na Instituição até os 18 anos quando foi encaminhado para residência assistida pelos dirigentes, na qual os jovens podem permanecer até os 21 anos tendo como finalidade a adaptação ao mercado de trabalho. No caso de Jurandir, o emprego de auxiliar de padaria poderia servir posteriormente para a busca de autonomia, contudo, ao praticar novo furto foi despedido do emprego, não retornando à moradia institucional.

Questões relacionadas à disciplina, por exemplo, e violência, são itens que podem levar a família, os professores e os alunos a um estado de exaustão. A disciplina pode ter funções moralizadoras, ideológicas, podendo ser considerada um agente normativo. Porém, é preciso que a complexidade que abarca a ética, o respeito, o bom senso possibilite que as relações humanas sejam o elo democrático, qualitativo e mediador das relações interpessoais em qualquer nível para que o grupo coexista em busca de um convívio participativo, responsável, promotor de busca de harmonia e de paz.

Desenvolvimento

O processo de elaboração do sujeito tem início com as identificações de gênero (na fase intrauterina e pós-nascimento) e parentais durante a infância, de acordo com a expectativa que os pais, familiares e grupo social têm sobre o indi-

víduo, adicionado a carga genética, momento emocional dos pais, e o referencial do que é passado para ele: se é ou não aceito, desejado. Aceitação como fator de influência preponderante sobre a formação do comportamento saudável adequado para a formação de uma personalidade bem estruturada ou um indicativo na formação de disfunções, estas, possibilitadoras de um comportamento posterior agressivo, destruidor.

No estudo do caso Jurandir, o resultante de toda estrutura que se manifestou em seu comportamento durante a fase oral, anal e início do período de latência, existe uma lacuna obscura, preenchida somente por hipóteses, uma vez que até os cinco anos, não se dispõe de informações sobre sua vida. A documentação disponível e observação de seu comportamento foi um meio de pesquisar como o processo de busca de identidade ocorreu em sua adolescência e melhor contextualizar a extensão nas possíveis rupturas que o mesmo sofreu até os cinco anos bem como as consequências disso para sua vida. Consta que durante a avaliação pedagógica não reconhecia formas geométricas, números e cores, apontando ser uma criança pouco estimulada com relação à idade cronológica. Indicador ainda de que pode ter vindo de um ambiente praticamente sem acesso à educação formal, à mídia televisiva, pois essa, por vezes, substitui ou complementa a estimulação visual, auditiva e informacional que a criança recebe.

A informação sobre falha na organização egóica se encontra documentada na comunidade onde morou desde 1989. A dificuldade de adaptação e em acatar orientações e limites, foi citada também pela senhora que o tinha sob guarda provisória. Isso incitou que a mesma procurasse uma instituição para deixá-lo definitivamente, uma vez que ela trabalhava fora e ele não obedecia a funcionária que cuidava dele e de seus dois outros filhos. A separação pode ter ocasionado assim outro contexto de vivência de luto.

O luto dos pais nos casos de frustração quanto a criança ser ou não aceita, saudável, do sexo esperado, bem como do luto neonatal ou infantil, frustrante pelos mesmos indicadores acima citados, pode ser um dos indicadores de um processo da fragmentação da personalidade e do comportamento anti social que ele desenvolveu em sua vida. Esta fragmentação pode gerar a condição infra sócio afetiva, de ter sido subtraído do convívio familiar, uma vez que a família como unidade antropológica representa acima do direito, algo sagrado e um mito (ROUDINESCO, 2003).

Na luta pela sobrevivência muitas vezes em um ambiente primário conflituoso, disfuncional, agressivo é que a criança enfrenta as piores dificuldades e encontra como via de acesso morar na rua, quando não tem opções onde ir, condição esta, de ter sido uma hipótese em seu histórico de vida.

O processo de identificação coloca o bebê em contato com o mundo através da figura materna, paterna, familiar primária e social. A sensação de abandono como um fator agravante nos casos das crianças que são filhos de portadores de doenças como alcoolismo, adicção, neuroses, bem como as que são recolhidas em instituições podem se assemelhar às crianças vindas de lares cujos pais são ausentes ou de precária condição afetiva, uma vez que lhes faltou a referência emocional adequada.

As crianças criadas em comunidades adquirem referencial materno com as figuras disponíveis, ou seja: mães crecheiras, mães sociais, assistentes governamentais, de Organizações não governamentais ou funcionárias.

Há que se diferenciar aqui a questão da qualidade afetiva e do tempo disponibilizado para criança e para o adolescente dentro ou fora da Instituição, pois existe um modelo familiar que faz parte da vida moderna, no qual as mulheres não mais ficam disponíveis somente para criar os filhos, cuidar da casa e o homem provendo o sustento. Mas existe também o caso de famílias financeiramente favorecidas nas quais os filhos permanecem aos cuidados da babá, enfermeira, governanta, motorista, babá eletrônica televisiva, computadorizada, viagens, atividades do início ao fim do dia, sem que receba dos pais qualidade de vida afetiva. Não seria isto também uma Instituição de luxo dentro do lar com pais ausentes? A procura do referencial materno e paterno não seria então semelhante em ambos os contextos?

No caso das crianças institucionalizadas a figura paterna muitas vezes permanece inexistente, contudo a referência social, antropológica e afetiva nomeada como pai, ocupa o espaço do imaginário e atua como ilusão e fantasia. Segundo Freud (2006), pai representa limites, lei, ordem. A figura idealizada, por ser inexistente, pode representar um espaço para o sonho, a fantasia ao passo que a figura ausente pode representar o espaço real para a revolta, conflito e cobranças. No estudo deste caso, observa-se que Jurandir sofre a condição de ter vivenciado os pais biológicos como ausentes e de ter criado a estrutura de autossuficiência como forma de se auto proteger da dor podendo o abandono ter sido a causa da inadaptação e um indicador do comportamento antissocial principalmente nos ambientes de família substituta e de escola, ocasionando sua conduta hostil, desafiadora mascarando a dor na busca de um lugar de liderança mesmo que negativa, dentro do grupo de amigos e posteriormente da gangue, pois o comportamento manifesto grupalmente unifica, molda formas de autoproteção, identificação, preservação e busca da unidade perdida (ZIMMERMAN, 2000).

Sob a regência unificadora do mito, os núcleos como a família e a educação podem ser consideradas referenciais e mediadores culturais entre o homem e o ambiente, construindo as condições potencializadoras para que a transmissão do conhecimento possa ter continuidade (DESSEN, POLONIA, 2005).

O fato de ter sido submetido a processos indicadores de fragmentação da personalidade, tais como: abandono pela família biológica, identificado por um nome fictício pela senhora que o encontrou e em cuja família morou durante um ano, ter sido levado para instituição, ser novamente chamado por seu nome de origem, uma vez que foi feita pesquisa sobre seu registro, jamais ter sido procurado por nenhum parente, podem ser hipóteses a mais para contextualizar a lacuna que existe em sua organização egóica.

A conexão que Jurandir estabelece com a realidade em seu cotidiano é realizada sistematicamente pela função “pegar” o que precisa ou quer, trazendo problemas de relacionamento tanto com os companheiros com os quais divide o mesmo quarto quanto com os adultos da comunidade e meio social, por ter praticado furto em condição de reincidência. São atitudes e comportamento, oriundos

de sua falta de limites, embora seus objetos pessoais permaneçam sempre trancados, por ele, com cadeado, como forma de manutenção de controle.

O comportamento no qual se verifica a cisão entre a parte discriminada e a não discriminada, ou seja, entre o meu e o não meu, possibilitam a hipótese sobre a falha na organização egóica ter ocorrido durante a fase oral. Jurandir, durante a adolescência, fez uso de álcool e de merla. Não se dispõe de registro sobre seus antecedentes familiares, portanto não se pode incluir a causa genética ou se a conduta foi desencadeada por fatores de inadequação emocional e baixa resistência à frustração que é outro indicador permanente para que se possa melhor compreender seu comportamento bem como o mecanismo das disfunções acima citadas.

Segundo Shaeffer (2009), o amor é produzido entre a mãe e seu filho(a) na prática da dicotomia, nesta, a atitude hostilidade x autonomia, gera em maior ou menor grau a agressividade inadequada, ausente de parâmetros, propiciando a falta de referencial para o aprendizado sobre respeito ao outro, e estabelecimento de hierarquias, inexistência de culpa bem como de controle interno.

Essas características de personalidade são as pontuadas por Freud no conceito de Superego, o qual tem como função base, o elo e o respaldo para que o comportamento adequado entre o indivíduo e o meio social exista. É o aprendizado sobre os valores morais que norteiam cada indivíduo em sua cultura individual, familiar, grupal, social, religiosa (FREUD, 2006; 2011).

O meio social, os adultos responsáveis pela criança ou grupos referenciais, cometem falhas qualitativas, emocionais que dificultam ou impedem que os valores morais sejam vivenciados pelo indivíduo; quando isto ocorre, em maior ou menor gravidade, os fatos ficam registrados na memória concreta do cérebro, como o arquivo das lembranças, na memória sensorial contida no corpo, em forma das lesões e bloqueios. Tais fatores em conjunto, desencadeiam em etapas sequenciais e contínuas um aprendizado não introjetado na formação de um sistema de crenças validado.

A mídia, a violência explícita (gritos, pancada, o silêncio que fere, a negligência, o abandono) são mensageiros de condições inadequadas para que ocorra uma formação da personalidade em busca de equilíbrio.

Neste estudo de caso, encontram-se indicadores de disfunções no comportamento estruturado de sentir afeto e validar a determinação da vontade própria, compatíveis com os registros e documentos sobre ele tais como: o não considerar normas de conduta ou regras, incapacidade de sustentar um relacionamento afetivo, conduta promíscua, exacerbação do ego, projeção distorcida sobre o caráter e comportamento do outro, trapaça e obtenção de vantagem pessoal.

Observa-se ainda um comportamento pessoal arrogante, intimidador, extrovertido, centrado na ação impulsiva e no movimento dos comportamentos não expressos de culpa, de falta de condições para o amor, a impulsividade, a inconsistência emocional, a sedução superficial e o repetição dos mesmos erros, como indicadores de comportamento antissocial e de psicopatia (NARANJO, 1997).

Frequentemente, Jurandir desvaloriza opiniões alheias, mas quer sempre o prevalecimento de sua opinião. Quando contrariado, sua atitude é manifesta em palavras de inferioridade, invalidação e hostilidade sobre o outro, socos, pontapés, constantemente metendo-se em brigas de rua e confusões - uma das consequências em seu baixo rendimento escolar e índice de repetência conforme consta em seu arquivo.

A falta de limites entre “eu e o outro” que o sujeito manifestou em seu cotidiano, incluem indicadores de risco para as pessoas da comunidade em inadequações recorrentes, tais como: colocar medicamentos dentro da garrafa de café de uso comunitário, agredir fisicamente os companheiros, descumprir com as responsabilidades sociais que constam no regimento da Instituição.

O conflito, outra característica do adolescente, se manifesta por vezes no adulto, quando este não dispõe de mecanismos estruturados para diferenciar o que significa discordar da atitude do outro, mantendo, porém, o afeto sem a chantagem emocional, sem reduzir afeto a uma simples troca de “bom comportamento”, reflete desta forma na disfunção emocional do adolescente que, por vezes, pode ficar sem se alimentar, ingerir alimento em demasia, desenvolver mecanismos como forma de chamar atenção do adulto, de pertencer, de existir.

A vontade de parecer, aparecer, melhorar, através de aparência, bens de consumo, assume proporções de toda espécie, e está sujeito a toda sorte de manipulação por parte do adolescente com o adulto e com os demais membros da sociedade para alcançar o seu fim de “pertencer”- aliado à pressão que o grupo dominante exerce - pode aumentar no indivíduo, o índice de auto cobrança e violência. No caso Jurandir, observa-se que é um fato cotidiano. Consta em seu arquivo o envolvimento com gangues, furtos, agressões, seja por comportamento de risco, respeito imposto, comportamentos abusivos e destruidores como brigas, conflitos verbais dentro e fora da Instituição, uso de álcool e drogas como ‘espaço dos triunfos contra fóbicos’ (STOLLER, 1975).

Esses fatores podem estar relacionados à sua identificação negativa interna uma vez que sua estima e valoração sempre foram observados como indicadores desses comportamentos que se refletem de forma de conduta contrária à manutenção da ordem. A conduta hostil, o desafio, o triunfo e a onipotência no comportamento de Jurandir, podem ser considerados canais de empobrecimento das relações interpessoais contextualizado no padrão descontínuo de funcionamento da cultura na atualidade.

O padrão de descontinuidade, em nossa cultura é possivelmente um foco gerador de conflitos, raiva e ódio manifestos em comportamentos grupais aliados à insuficiência nutricional afeto cognitiva, a influência negativa da mídia e figuras de autoridade, os tipos de música dissonantes, ritmos descontínuos, ambiente conturbado, são dados importantes que devem ser analisados também, uma vez que afetam a busca de equilíbrio e de homeostase, reduzindo as condições de funcionalidade do cérebro e seu rendimento como um todo, proporcionando o comportamento disfuncional, “teríamos envolvidos nestes quadros de agressão e violência o hipotálamo, o complexo amigdaliano e a córtex pré-frontal” (LE-VISKY, 2002).

Em ambientes conturbados, o adolescente considera que pode tudo e o adulto presume que pode ter controle sobre ele; neste aspecto a atuação do psicólogo é fundamental, seja para contextualizar a incoerência de tal coisa, seja para estruturar coerentemente o significado e produção de sentido de limite, direitos, deveres, significantes básicos para a estruturação do pensar e sentir, quanto para uma vida compartilhada (PIRES de MELLO, 2003).

O conceito de adolescência, não é comum para todos os povos, para alguns, a adolescência nem existe. A criança, através de ritos de passagem, vai diretamente para a fase adulta. Contudo a menarca e a ejaculação são universais e indicam a condição física para que a reprodução da espécie possa existir.

Em nossa sociedade, a adolescência existe multiplamente contextualizada. Nesta, os Ritos de Passagem são os marcadores externos interligados aos processos internos e ambientais. Toda cultura possui seus próprios rituais, inseridos e inseparáveis de uma conceituação sociológica e de uma interpretação vivencial simbólica pertinente e exclusiva a cada grupo.

Na Instituição na qual este estudo de caso foi utilizado, o primeiro entre os ritos de passagem se refere à capacidade social de cuidar do bebê que chega. Isto é pontuado como uma atitude digna de elogios. O outro rito é o ser indicado para o estágio profissionalizante dentro da Instituição, e, finalmente, o emprego no meio social representa o último dos ritos para este grupo de pessoas. Constata-se assim a questão da sobrevivência física, primária. Não passar fome, ter moradia e vale transporte como o início da questão primordial da adolescência, a busca da identidade o quem sou eu, e a aquisição de autonomia como o referencial estabelecido para entrada na fase de jovem adulto.

O adolescente institucionalizado muitas vezes transita entre os dois universos, pois ao mesmo tempo em que participa da realidade social mais favorecida não pertence realmente a mesma. O adolescente, em geral, percebe, que o mundo necessita de mudanças, não ele. Jurandir apresentava a dificuldade em aprender com as situações vivenciadas por ele, uma vez que mantinha constantemente padrões inadequados de conduta como se a punição não lhe atingisse.

A presença real dos responsáveis não só para suprir socialmente uma vida sobrevivente, mas para cuidar deste ser com o respeito que se deve ter em relação à vida humana, foi realizado dentro do possível, mas não inclui o poder de modificar um passado sem rosto.

Conclusão

Durante o período de maior convivência sistemática com o sujeito de pesquisa, (julho de 2000 até dezembro de 2003) ele apresentava constantemente um comportamento cíclico, e todos os adultos que já haviam lidado com ele, nos mesmos tipos de ambiente (moradia, comunidade terapêutica e escola) verbalizavam e registravam queixas sobre sua hostilidade e ausência de limites sociais. Esse comportamento recorrente, violento, levou-nos a pesquisar o sujeito sob a ótica indicativa de psicopatia, fato inicial chamou atenção já durante a pesquisa

documental, época também na qual houve o convívio cotidiano com diretor da Instituição, com a Assistente Social, com a sua Mãe Substituta, irmãos, funcionários, professora e alguns colegas de sala.

Nesses ambientes também foi encontrada a reincidência da queixa acima citada; os colegas de escola a ele se referem como “uma pessoa que não aceita brincadeira e bate na gente”, e que “ele vive apelando”. Tal comportamento reafirma, para os psicólogos, a dificuldade que o portador de psicopatia possui de agregar valor simbólico à experiência vivenciada, reduzindo o processo do pensamento e de ações adequadas socialmente.

Observa-se uma recorrência aos mesmos tipos de comportamentos (repetência escolar, vida sexual promíscua, furtos, envolvimento com gangues, porte e uso de drogas ilícitas) mantidos inalterados, mesmo depois de ter sido submetido a castigos, sanções de toda ordem, inclusive judiciárias.

Uma queixa verbalizada por alguns de seus irmãos moradores da mesma casa que ele na Instituição, se referia ao fato de que Jurandir não tinha limites e não apresentava resistência à frustração, agia, sem discriminar o sim do não e o meu do não, do não meu, apoderando-se constantemente de objetos e pertences dos moradores da Instituição e da escola., bem como agia se utilizando deles para obter vantagens pessoais.

Desde o primeiro contato, a fala dialogada jamais ocorreu sem que ele buscasse o confronto todo o tempo, e quisesse ocupar um lugar de liderança única, inquestionável, inalterável.

Em seu histórico encontra-se o registro de que fora abandonado e encontrado por uma senhora, que o acolheu em sua casa. Essa senhora requereu judicialmente sua guarda, mas viu-se impossibilitada de continuar com ele, por sua recusa sistemática em atender as ordens do adulto encarregado de cuidar dele e de seus outros filhos. Dessa forma Jurandir foi entregue aos cuidados da Instituição na qual o conhecemos.

Um idêntico relato verbal foi feito por ele, confirmando o registro escrito contido em sua documentação. Durante uma das abordagens, acrescentou: “poderia estar levando uma vida boa, morando lá, com escola particular e dinheiro no bolso, mas prefiro minha liberdade quando sair daqui, e já está perto. Não gostava de morar lá, e não gosto daqui também”.

A saída próxima à qual o sujeito se refere, é aquela contida no rito de passagem que os adolescentes dessa Instituição enfrentam aos 18 anos, quando vão morar fora, tendo como responsável um referencial adulto. Cada um deles reside na casa ou em cômodos separados que são mantidos com recursos financeiros da Instituição, e cada um se auto sustenta também com salário mensal do emprego para o qual são encaminhados.

As formas de delinquência, de expressão da sexualidade, o comportamento hostil, a incapacidade de aprender com os próprios erros, são ritos cíclicos com os quais o psicopata se auto exclui da construção de qualidade de vida, uma vez que para Stoller (1969), a hostilidade tem como objetivo produzir a superioridade e o triunfo do sujeito sobre o Outro.

A experiência traumática da infância, revivida na idade adulta se constitui inadequadamente como uma tentativa de ser triunfante. A memória da situação traumática atua no inconsciente, mas ao manifestar-se incessantemente exige do sujeito uma defesa que, em sua dinâmica de atuação, ocupa um espaço fático, na qual o Outro não tem força para impedir a sua satisfação. (SHINE, 2000)

Percebemos em Jurandir um ato cotidiano manifesto na posição de lei; uma lei própria que lhe serve destrutivamente como suporte de enfrentamento social e de negação da dor emocional, que ele se recusa a admitir. O uso constante da força, da hostilidade, o comportamento sistemático de furtar produziram como consequência, para ele, o isolamento sócio afetivo dos membros da Instituição e da comunidade.

Ele utiliza a fala sobre si mesmo sempre e constantemente de forma exacerbada, confrontativa, hostil, negando a existência de um outro que possa lhe fazer frente. É sempre o melhor em tudo e não demonstra preocupação, apego ou carinho em relação a ninguém, contudo necessitou do espaço psicoterápico como o único no qual a continência foi constante, independente de seu comportamento. O fato de ser acolhido não o tornou menos refratário ao uso da desqualificação sobre o Outro, contudo indicou em suas atitudes que o espaço psicoterápico lhe fornecia apoio. Apresentava, por vezes, algum assunto de seu interesse e aguardava nossa resposta, mesmo que a confrontasse como exercício de poder e de auto suficiência.

A psicopatia e o comportamento antissocial pontuam o sentido aético que dificulta e por vezes impede a atuação psicoterápica, como ocorreu com Jurandir, quando não mais retornou a moradia institucional e dele não se obteve mais notícias.

Referências

DESSEN, Maria.Aparecida.; POLONIA, Ana . Costa. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** Psicologia Escolar e Educacional. Campinas, v. 9, n.2.2005. p. 303- 312.

FREUD, S. **O mal estar na civilização.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011.

_____. **Além do princípio do prazer.** Obras completas de Freud, vol. XVIII. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

NARANJO, Claudio. **Os nove tipos de personalidade.** 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

PIRES de MELLO. **Adolescência, drogas e violência.** Monografia da Licenciatura em Psicologia, 2003. Brasília, UniCEUB(mime).

ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SCHAEFFER, Francis A. **Não há gente sem importância**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

SHINE, Sidney Kiyoshi. **Psicopatia** Casa do Psicólogo. Coleção Clínica Psicanalítica. V. 7. S.P, 2000.

STOLLER, Robert Jesse. **Perversion: the erotic form of hatred**. New York: Pantheon, , 1975.

ZIMMERMAN. David Leo. **Fundamentos básicos das Grupoterapias**. 2 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

1 - Anna Cristina Pires de Mello: <http://lattes.cnpq.br/3073551060778967>